

JUNGER E O *TRABALHADOR*: AS CONVICÇÕES SOBRE UMA NOVA ORDEM

JUNGER AND THE WORKER: CONVICTIONS ABOUT A NEW ORDER

Diego Luiz Warmling¹

Resumo:

Dos textos entre guerras, advogaremos que as análises de Ernst Junger acerca da *Gestalt* do *trabalhador* apontam para uma nova ordem planetária. Junger exalta o *domínio* de um novo *Tipo* humano, expresso no *trabalhador*, responsável pela *mobilização* técnica *total*. Enquanto via de enfrentamento ao niilismo e planificação do mundo mediante a superação da burguesia, o *trabalhador* surge como uma forma de poder impessoal, sobre o qual repousa destino da Terra, e pelo qual dá-se não só o esvaziamento ativo dos valores da velha ordem, mas a possibilidade de um mundo mais elementar, onde não há um só átomo alheio ao trabalho. Mobilizando todas as forças da cadeia produtiva, o *trabalhador* surge como *fruto* e *agente* configurador da totalidade do trabalho. Na contramão do estado de comodidades propagandeados pela burguesia, ele é capaz de originar uma nova forma de exercer o poder, por mais perigosa e dolorosa que seja.

Palavras-chave: Ernst Junger. Gestalt do trabalhador. Typus. Mundo do Trabalho Mobilização Total.

Abstract:

From the texts between wars, we will argue that Junger's analysis of the worker's Gestalt points to a new planetary order. Junger exalts the mastery of a new human Type, expressed in the worker, responsible for the total technical mobilization. As a way of confronting nihilism and world planning by overcoming the bourgeoisie, the worker emerges as a form of impersonal power, on which the destiny of the Earth rests, and from which results not only the active emptying of the values of the old order, but the possibility of a more elementary world, where there is not a single atom unrelated to work. Mobilizing all the forces of the production chain, the worker emerges as the fruit and configuring agent of the totality of work. Contrary to the state of commodities propagated by the bourgeoisie, it is capable of originating a new way of exercising power, however dangerous and painful it may be.

Keywords: Ernst Junger. Gestalt of the worker. Typus. World of Work. Total Mobilization.



O niilismo ativo e a aniquilamento da ordem burguesa

Na situação do entre-guerras, Ernst Junger – em textos como *A Mobilização Total* (1930), *O Trabalhador: domínio e figura* (1932) e *Sobre a Dor* (1934) – examina o então incipiente século XX, que, face ao esgotamento da ordem vigente, iniciava carregado de possibilidades. Fala-se da irrupção de um sentimento vital que culminaria n’outra ordem mundial, ou melhor, numa nova de humanidade, que não pode ser a do “indivíduo no seio da massa, mas da pessoa singular (*Einzelne*), já não como *Individuum*, mas como tipo (*Tipo*)” (ARAUJO, 2015, p. 111). Dada a *mobilização total* dos recursos, forças e resultados da cadeia produtiva à implementação e consolidação da primeira guerra global, Junger inquiriu um novo *Tipo* humano, agora centrado no *trabalhador* e nas dores que este é capaz de confrontar. Enraizando sua interpretação numa conjuntura de perigo, o autor indaga um leque de princípios concernentes à análise do mundo tecnológico niilista. Tais princípios têm em vista a celebração de uma inédita configuração planetária, expressa pela corrosão do ideário de seguridade burguês e pelo advento de uma nova *Gestalt*: a do *trabalhador*, que comove e opera o mundo partindo dos novos meios – técnicos – que a ela se apresentam.

Junger exalta a completa planificação do mundo por meio da emergente ordem técnica. Pelas mãos do *trabalhador*, este é o momento da superação de um estágio da história ocidental onde o indivíduo encontra-se estagnado pelo fato de estar mergulhado numa cultura/mundo de seguridades, regidas por valores racionais e abstratos. Enfraquecido, tal indivíduo carece de uma dimensão *elementar* da vida, bem como de condições que o facultem reivindicar sua essencial potencialidade. Como resposta, Junger propõe um esvaziamento ativo do mundo de até então. De encontro ao otimismo operado pela lógica e ciências da época, fala-se de algo como uma nova consciência da liberdade humana, cujas vivências são organizadas pela participação no trabalho, mediante uma “uma atitude guerreira que afirma o niilismo, o concretiza e que pode levar a humanidade para além dele” (SILVA, 2020, p. 359). Um *niilismo ativo* orientado ao colapso do modo de vida burguês e, portanto, à afirmação “de uma nova era histórica caracterizada pela realização do *domínio* do *trabalhador*, um domínio configurado pela ação incisiva de um novo tipo humano que expressa uma nova relação com a dimensão elementar da vida” (SILVA, 2020, pp. 358-359).

Em verdade, compreendida a inevitabilidade da corrosão do ideário burguês, Junger alega que a primeira guerra mundial possui aspectos bastante *sui generis* em relação aos demais eventos bélicos, dada a amplitude da mobilização técnica e humana requerida e dispendida em seu desdobramento. No início de um novo século e como prenúncio de um novo tempo, tal guerra eclode como uma catástrofe sem precedentes, exatamente no ápice histórico da burguesia, tão fortemente balizada pelos ideais de progresso proporcionados pela razão, pela moral, assim como pelo avanço de determinadas organizações sociais. Não obstante, é este acontecimento que torna explícito, para Junger, o início e o aprofundamento do processo de esgotamento da civilização moderna e suas valorações. Engendrando uma nova era, a guerra de 1914-18 “no se libró únicamente entre dos grupos de naciones; se libró también entre dos edades. Y en ese sentido hay aquí en nuestro país, en Alemania, tanto vencedores como vencidos” (JUNGER, 1990, p. 59). No âmago deste embate estava o confronto não apenas entre nações, mas entre dois

sistemas; duas eras distintas, dentre as quais a que declina é completamente consumida pela que desponta. Assim, trata-se de descrever em princípios a marcha fúnebre disto que, na época, o Junger testemunhara:

Tal morir se refiere al mundo burgués y a los valores que ese mundo ha administrado. Pero rebasa el mundo burgués en razón de que el burgués mismo es únicamente un heredero y nada más que un heredero y en razón de que su hundimiento hace que aparezca como completamente gastada una herencia muy antigua. El corte profundo que en nuestro tiempo amenaza a la vida es un corte que no separa únicamente dos siglos, sino que anuncia el final de un sistema milenario de relaciones (JUNGER, 1990, p. 189)

Face ao declínio de um sistema já obsoleto, esta nova ordem que desponta é a da mobilização técnica planetária: a era da *mobilização total*, tornada explícita no desenrolar de um evento bélico catastrófico, sendo este a prova de que, apesar dos amplos investimentos em seguridades racionalmente mediadas, o mundo também é regido por forças sobre as quais a humanidade não exerce controle. Na contramão da prosperidade aguardada pelo ideário burguês, o episódio de 1914-18 é o sintoma de que “o gênio da guerra conseguiu atingir e permear o espírito do progresso” (JUNGER, 2002, p. 190). O que se pode esperar é que “o progresso não é *progreso* algum” (JUNGER, 2002, p. 191), pois acontece de certos movimentos conduzirem a resultados contrários às suas “boas intenções”. Portanto, se se impõem “menos as intenções do que impulsos mais ocultos” (JUNGER, 2002, p. 191), Junger, em 1930, foi prognóstico ao tachar o declínio da civilização burguesa, apesar da sua paradigmática crença no progresso e da aparência tão translúcida da razão.

Do ponto de vista jungueriano, a civilização pós iluminista buscou alastrar-se por vários domínios da vida, na tarefa de conquistar conforto. Em nome de sua conservação, a burguesia tomou como sociedade apenas as populações sujeitas a se apresentarem como idealizações de um Estado ou de um perfil abstrato de humanidade. Não obstante, esta famigerada busca por seguridade – tão propagandeada desde o início da vida moderna através de ideais como a objetividade científica e a domesticação do mundo natural – não foi capaz de resistir ao tempo. O processo de enfraquecimento destes valores é pensado por Jünger a partir do niilismo.

Ainda que esteja se reconheça na disposição a negociar racionalmente um sistema de paz e, para tanto, eleve a ideia de segurança à qualidade de valor universal, por vezes falta a este sistema ideológico – e ao indivíduo burguês – reconhecer sua relação com forças mais originárias e elementares. O burguês é o indivíduo que enxerga “en la seguridade un valor supremo y se sirve de su razón abstracta como del medio destinado a garantizar esa seguridade” (JUNGER, 1990, p. 277). Passível de esgotamento, tal valor faz com que a velha ordem tente impermeabilizar o mundo vital, de modo não apenas a dificultar/evitar o irromper de substâncias e forças mais elementares, mas a recusar à sociedade/civilização formas de relação diretas com tais elementares. Este encauchamento “se efectúa relegando lo elemental al reino del error, de los sueños o de una voluntad² forzosamente malvada, e incluso haciendo que lo elemental signifique lo mismo que lo absurdo” (JUNGER, 1990, p. 26).

Tal condição de privação da vida se acentua quando o burguês enaltece os

poderes da razão, cuja tarefa reside em guia-lo à liberdade, à segurança e ao reino da paz perpétua. Tudo nesta sua civilização é orientado para que o conflito e a disposição ao combate sejam evitáveis. Elegendo-a à condição de um poder assegurador supremo, “cuanto más próximo al centro de la razón se halla el burgués, tanto más se desvanecen las oscuras sombras en que se ocultan las cosas peligrosas” (JUNGER, 1990, p. 54).

Resguardado em suas narrativas, o burguês jamais buscará o combate e o perigo. Seja pelo poder, pela paixão e até mesmo em substâncias primordiais como o fogo, a terra, o ar e a água, o *elementar* é, para ele, algo do qual o ideal de humanidade precisa afastar-se: é o “irracional y, por tanto, lo inmoral sin más” (JUNGER, 1990, p. 52). Determinadas pelas disputas econômicas, não é em vão que as grandes cidades da viragem do século surjam como baluartes da conservação da vida: “cada una de las victorias de la técnica es aquí una victoria de la comodidad” (JUNGER, 1990, p. 53). Diferenciando-se de personagens como o soldado, o artista e o *trabajador*, é tomando por absurdas as forças elementares que “el muro que ciñe el orden burgués se presenta a la vez como el muro que ciñe la razón” (JUNGER, 1990, p. 53).

Todavia, não há como escapar do *perigo*, da *dor*, das dimensões elementares da existência, nem tampouco de suas potências ocultas e incontroláveis. O muro hermético pelo qual se projetem o burguês e suas narrativas está condenado ao colapso! Para Junger, nada há que nos resguarde, pois o perigo “se halla siempre presente” (JUNGER, 1990, p. 54). Feito um *elementar*, o perigo está constantemente “intentando romper los diques de que se rodea el orden” (JUNGER, 1990, p. 54). Nesta proporção, nada nos é “mas cierto y nada nos esta mas predestinado que cabalmente el dolor” (JUNGER, 1995, p. 15); a ameaça se faz ainda maior “con cada una de las artificiosas elevaciones del dique que separa al ser humano de las fuerzas elementales” (JUNGER, 1995, p. 33).

Numa incessante busca por segurança e autoconservação, o burguês moderno quase se convenceu de que era possível controlar cientificamente a realidade, de modo a extirpar-nos o *elementar* e, assim, governar sua história. Seu ideal de sociedade foi concebido a partir dos esforços por impedir a manifestação do *elementar*. Mas se é certo que o *perigo* e a *dor* persistem em nosso mundo, então até mesmo as mais sutis filigranas de civilidade são capazes de mostrar quão estreitas são as ligações “entre la fraternidad y el cadalso, entre los derechos del hombre y las batallas asesinas” (JUNGER, 1990, p. 26). Nestes termos, o irromper da barbárie durante guerra dos anos 1914-18 é a prova “de que o *elementar* está de todo presente e de que a crença moderna na possibilidade de controle racional do mundo não se sustenta” (SILVA, 2020, p. 362).

De mãos dadas com a barbárie, a experiência da primeira guerra joga o domínio burguês ao fim de seu processo degenerativo. Ela é o indicativo de um movimento subjacente à seguridade propagandeada pelo ideal de “civilidade”, mas “que, cada vez mais, tem de ser pressentido e demonstrado” (JUNGER, 2002, p. 192). Seja como for, é importante “ver que de nuestro mundo se ha apoderado un aflujo nuevo y todavía indomeñado de fuerzas elementales” (JUNGER, 1990, p. 61). Diante da experiência desoladora dos *combatentes anônimos* nas trincheiras³, trata-se de enxergar neste movimento um gosto pelo *perigo*. Incutindo em seus soldados um desejo de vitória, se a guerra, ao longo dos quatro anos, seguiu forjando guerreiros cada vez mais audazes, então introduziu para a humanidade uma maneira de lidar

com o perigo, em que estejam incluídos o místico e o extraordinário. Submisso, o soldado busca a mais dolorosa e a mais heroica das experiências.

Para além da universalidade de princípios como prazer, conforto e conservação, esta nova ordem é calculada não “sobre la base de la exclusión de lo peligroso, sino engendrados por unos nuevos desposorios de la Vida com el Peligro” (JUNGER, 1990, p. 61). Favorável ao esvaziamento da velha ordem, Junger, portanto, é no mínimo taxativo: “quien siga creyendo que con los órdenes de viejo estilo es posible domeñar ese proceso pertenece a la raza de los vencidos, una raza que está condenada a la aniquilación” (JUNGER, 1990, p. 61). Para o autor, não existem alternativas: ou o indivíduo se permite ser mobilizado ou sofre e é aniquilado.

Conservadores de um mundo em vias de ser ultrapassado, há quem queira permanecer na impotência e enfrentar passivamente o niilismo. Mas visto que a nova ordem, desde as trincheiras da guerra, jamais preteriu em sua formação um *elementar* contato com a gravidade da vida, ao novo humano que daqui desponta resta aceitar despojar-se de sua individualidade, permitir-se ser totalmente mobilizado, de modo a lançar-se ao *perigo*. Feito um herói de batalha, resta-lhe desvencilhar-se da instrumentária conceitual da velha ordem e tomar “a atitude guerreira de enfrentar ativamente o niilismo” (SILVA, 2020, p. 263). Esboçando uma *Gestalt* de escala total, esta é a conduta do *trabalhador* jungueriano, cuja relação com o *elementar* – tal qual o *soldado* – se expressa não como um reflexo da consciência burguesa, mas pela busca de uma auto-consciência capaz de “afirmar as exigências de seu *coração aventureiro*” (ARAUJO, 2015, p. 112). E se a guerra dos 1914-18 é “um fenômeno histórico cujo significado é muito mais importante que o da Revolução Francesa” (JUNGER, 2002, p. 1950), então não há de se estranhar que, por sua capacidade de mobilização, o *trabalhador* exerça uma forma de liberdade inteiramente distinta da burguesa, pois suas reivindicações “son mucho más amplias, mucho más significativas y mucho más temibles que las reivindicaciones propias de un estamento” (JUNGER, 1990, pp. 25-26). Vejamos, pois, o que Junger tem a dizer sobre a *mobilização total* e o *trabalhador*.

Sobre a *Gestalt* do *trabalhador*

A mobilização total e a emergência da ordem técnica

Mais importante do que Revolução Francesa, a primeira guerra mundial surge como um evento incomparável em termos de abrangência e mobilização despendidas ao seu desdobramento. Segundo Junger, trata-se de um acontecimento ímpar, capaz de pôr em xeque a velha ordem e anunciar uma nova história: pela *Gestalt do trabalhador*, a história da *mobilização total* enquanto genealogia da mobilização técnica global. Para além do âmbito bélico, fala-se do advento de um novo tempo; de uma nova era comandada não mais pelo ideário burguês, mas pelas mãos aventureiras do *trabalhador*.

No texto de 1932, Junger comenta que, até o séc. XIX, a maioria das guerras eram pensadas “pelos gabinetes conservadores, ante os quais a representação popular era indiferente ou mesmo antipática” (JUNGER, 2002, p. 193). Não obstante, já não basta mais “enviar aos campos de combate alguma centena de milhares de sujeitos alistados sob um comando confiável” (JUNGER, 2002, p. 193). Já vão longe os “tempos em que, caso sua majestade houvesse perdido uma batalha, manter a

tranqüilidade era a primeira obrigação civil” (JUNGER, 2002, p. 193). No mais das vezes, este modo de guerrear contava com uma estreita relação patriarcal entre a coroa e o exército, da qual despontava “um certo cálculo estimativo de armamentos e custos que fazia a guerra aparecer como uma despesa das forças e meios presentes deveras extraordinária, mas de modo algum sem limites” (JUNGER, 2002, p. 193). Tratava-se, por assim dizer, de uma mobilização parcial.

No entanto, é com a eclosão da guerra dos 1914-18 que é estendida às massas uma ativa participação no conflito. Já não era mais possível “arcar com a condução da guerra a partir de um tesouro fixo; muito antes, para manter em curso a maquinaria, é necessária a concentração de todos os créditos, até a captação do último centavo de economia” (JUNGER, 2002, p. 195). Este era um evento de altos custos; e para mantê-lo era preciso mobilizar muita energia, tecnologia, maquinário e multidões. De encontro à ideia de uma casta nobre e guerreira⁴, o que este episódio evidencia é a celebração da técnica por meio do engajamento dos populares. Aptas ou não ao conflito, as massas se dispunham em prontidão, “cada vez mais de forma uniforme e incisiva em prol da guerra e da mobilização – de homens e de meios – requerida por ela” (SILVA, 2020, p. 265). Eis a *mobilização total*, cujo fim é assinalar o processo globalizante da técnica.

Sobre isto, Junger comenta: se já no início a primeira guerra insinuava um tipo de mobilização – em medidas isoladas⁵ – até então não previsto, com seu decorrer, esse processo se intensificou ao ponto de contarmos, por exemplo, com o racionamento de matérias-primas e alimentos, com o serviço militar obrigatório, a armação dos transportes mercantes, bem como a “transformação das relações de trabalho em relações militares” (JUNGER, 2002, p. 196). Engajando todas as forças da cadeia produtiva, os países se transformaram em mastodônticas fábricas beligerantes que, em tempo recorde, pariam seus soldados para despachá-los “aos campos de batalha, onde um consumo bélico, que se tornou igualmente muito mecânico, assumiu o papel do consumidor mercantil” (JUNGER, 2002, p. 199). Diante da barbárie, a mobilização energética empenhada pelos estados à aplicação da guerra não era nem parcial, nem geral, mas total, não respeitando os limites e os valores da velha ordem. Pela mecanização do homem e do mundo, revelam-se neste quadro histórico os indícios de uma nova época: a era das massas, marcada pela “exposição total da existência em seu todo à sua aleatória modificação por uma técnica à escala planetária” (ARAUJO, 2015, p. 122). Como carne disciplinada, uniformizada, medida, automatizada e completamente mobilizada, o novo humano tem de, assim, tornar-se uma máquina, um novo *Tipo: o trabalhador*.

Símbolo de um negócio armado, a guerra “deságua na imagem amplificada de um gigantesco processo de trabalho” (JUNGER, 2002, p. 195). Ela mobiliza por completo a existência em energia passível de exploração. Permanentemente ligada ao trabalho, as coisas ocorrem de tal modo que não há quem não seja mediatamente imputado pelos perigos de uma função bélica. Junto aos tanques e soldados, se destacam “novos tipos de exército: o do trânsito, o da alimentação, o da indústria armamentista – o exército do trabalho em geral” (JUNGER, 2002, p. 195). Seja na economia, nas artes, na técnica ou, ainda, nas relações inter-afetivas, este estado de coisas teve como consequência a aceleração do processo de mecanização do mundo, pelo qual trabalhadores e soldados se tornam virtualmente indistintos. Canalizando a vida humana por uma corrente de energia combativa e permanente economia beligerante, tudo acontece como se até o mais fino nervo da existência estivesse

mobilizado ao avanço de forças originárias que se apoderam do mundo através de uma nova *Gestalt*. Eis o “despontar da era do trabalho” (JUNGER, 2002, p. 195).

Corrosivo à máscara humanista costurada na burguesia, este impetuoso fluxo energético opera como se não houvesse um átomo sequer que, durante a guerra, não estivesse trabalhando. Ele desemboca “numa enorme produção de trabalho cujo mecanismo absorve a existência dos trabalhadores” (ARAUJO, 2015, p. 124). Anulador das liberdades individuais, faz com que a vida se torne, “de maneira cada vez mais clara, a vida de um trabalhador e que, às guerras dos nobres, dos reis, e dos cidadãos, sigam-se as guerras dos *trabalhadores*” (JUNGER, 2002, p. 198). E se é verdade que a *mobilização total* fundiona o *soldado anônimo ao trabalhador*, então é neste sentido que Junger fala não apenas de um “fetichismo da máquina”, mas do “culto ingênuo da técnica” (Cf. JUNGER, 2002, p. 213), aqui entendida como “movilización del mundo por la figura del trabajador”, que, uma vez consolidada, se “hará presente como el arquitecto jefe” (Cf. JUNGER, 1990, p. 176). Trata-se, portanto, de outro *Tipo*; de uma nova *Gestalt*, ratificada na figura do trabalhador.

O domínio do trabalhador: um novo Tipo humano

Em *O Trabalhador: Domínio e Figura*, Junger interroga o modo como ocorre o processo de mobilização técnica total e de transformação do indivíduo num novo *Tipo* humano. Diante do cenário de insustentabilidade da velha ordem, a obra de 1932 busca saudar a figura do trabalhador como agente e elemento central de “una magnitud operativa que ha incidido ya de un modo poderoso en la historia y está determinando imperativamente las formas de un mundo que ha experimentado modificaciones” (JUNGER, 1990, 15). Ao longo da análise, perpassa um espectro de otimismo não apenas em relação ao inevitável declínio dos valores iluministas promovidos pela civilização burguesa, mas também quanto ao novo – e mais elementar – conjunto de forças que apontam para o florescimento de uma nova realidade, ainda que seja preciso encarar o perigo, a dor, a destruição, a barbárie e os números recordes da morte. O *Trabalhador* jungueriano, portanto, é aquele em que já não se expressa através do sentir, do pensar e do agir promovidos desde a modernidade, mas por uma auto-consciência toda própria, pois nele opera uma forma de liberdade completamente distinta, dotada de um espírito aventureiro, que abraça o niilismo e leva a cabo a configuração de um mundo só seu. Contudo, é importante salientar que este *Tipo* pouco tem a ver com uma classe social, econômica ou política.

Em verdade, o *trabalhador* ao qual Junger se refere coloca em cheque a tradicional “leyenda que disse que la cualidad básica del trabajador es una cualidad económica”, ou melhor, que a imagem ideal do mundo condiz com uma utopia econômica-liberal do mundo, onde “todos los planteamientos tienen como punto de referencia las reivindicaciones económicas” (Cf. JUNGER, 1990, pp. 33-34). Para além das antíteses do idealismo e do materialismo⁶, deve-se ter em conta que a “dureza del mundo se vence con dureza, no con juegos de prestidigitación” (JUNGER, 1990, p. 35). Sendo o prenuncio de um novo *Tipo* que toma lugar na história, o *trabalhador* não pertence a uma classe que luta contra outra para, disto, usufruir dos mesmos direitos e liberdades. Não se pode reduzi-lo a isto pois quando a burguesia projetou suas metas nas do trabalhador, “restringió a la vez el objetivo del ataque a un objetivo burgués” (JUNGER, 1990, p. 36). O *trabalhador* jamais será o proletário

da era burguesa (dotado de valores e critérios iluministas), haja vista que não são a liberdade e o poder econômicos que o mobilizam, mas o poder em si. Assim, o importante não é que uma nova política tome o poder, mas “que un tipo humano nuevo [...] llene el espacio del poder y le otorgue sentido” (JUNGER, 1990, p. 69)

Nesta nova humanidade, tudo depende de “que el trabajador se percate de su superioridad y de que se cree, sacándolas de ella, sus propias normas, por las cuales habrá de regirse su dominio futuro” (JUNGER, 1990, p. 36). Como índice de um plano mais elevado que ele mesmo mobilizou, o trabalhador é o reivindicador da totalidade. Ele se constitui por meio de uma nova relação com as potências elementares das quais a burguesia não suspeita, consistindo, por isso, “num novo tipo humano que entra na história, numa nova humanidade à qual está destinada a cunhagem da nova realidade, do domínio” (SILVA, 2020, p. 368). Enquanto tipo, é no *trabalhador* que descansa a *totalidade*: “un todo que abarca más que la suma de sus partes” (JUNGER, 1990, p. 38).

Do mesmo modo que o *trabalhador* escapa à seguridade iluminista, sua noção de *trabalho* tampouco se permite amalgamar numa atividade econômica. Posto que “nada puede haber que no sea concebido como trabajo” (JUNGER, 1990, p. 69), este vem designar um novo princípio de dominação do mundo, pelo qual dá-se a vida. Para além das concepções de até então, *trabalho*, segundo Junger, “es el tempo de los puños, de los pensamientos y del corazón; [...] es la vida de día y de noche; [...] es la ciencia, el amor, el arte la fe, el culto, la guerra; [...] es la vibración del átomo y [...] es la fuerza que mueve las estrellas y los sistemas solares” (JUNGER, 1990, pp. 69-70). Muito mais que um modo de produção, trata-se de um novo modo de vida em vias de efetivar-se, e que é capaz de cunhar e impor ao mundo outra forma de juridicidade.

Sem encapsulá-lo numa atividade puramente técnica, Junger infere a respeito do *trabalho*: por mais que a técnica seja capaz de congregiar meios decisivos à configuração do domínio do trabalhador, não é ela quem mudará o mundo, mas o *trabalho* enquanto “expresión de un ser especial que intenta llenar su espacio propio, henchir su tiempo propio, cumplir sus leyes propias” (JUNGER, 1990, p. 90). Sendo manifestação da *figura do trabalhador* enquanto grandeza atuante na história, nada há, do ponto de vista do *trabalho*, que esteja fora dele mesmo. Desconhecedor de antíteses, seu espaço não se põe limites. E se se apresenta como indicativo de um novo modo de vida segundo a vontade cega deste “ser especial” que é o *trabalhador*, não há qualquer “situación que no sea concebida como trabajo” (JUNGER, 1990, p. 91).

Para Junger, o declínio da civilização burguesa culminará numa ordem onde os valores tradicionais já não possuirão mais sentido. Na medida em que o *trabalhador* – para além da relação sujeito-objeto – torna-se reserva disponível à sua *Gestalt*, trata-se de configurar um mundo apto a permitir ao humano sentir suas dores fora do corpo para, assim, “criar um *outro* lugar onde se possa *habitar*, e quem o habita é o tipo do trabalhador” (ARAUJO, 2015, p. 132). Este arranjo de coisas exige um novo tipo de consciência, pela qual somos despojados da ideia de individualidade e disciplinados a mobilizar-nos, de coração e nervos, numa nova relação com a liberdade. Feito um *realismo heroico*, tal relação entre consciência e liberdade – dada através da entrega ativa ao combate e ao trabalho – exige do trabalhador que ele seja capaz de, despojando-se de si, pôr em prática um tipo de soberania distinta daquela que fora propagandeada pela seguridade burguesa. Em

verdade, ao passo que o burguês se autodetermina como um ser que, através da técnica, reivindica a individualidade, ao *trabalhador* jungueriano, liberdade e individualidade significam serviço, adequação à *mobilização total*, disciplina ao trabalho. Para este ser, trata-se de aceitar os meios ou decair, pois a “reivindicação de liberdade como reivindicação de trabalho corresponde à era do trabalhador” (COELHO, 2020, 104). Nestes termos, dignidade e singularidade se compõem na medida em que ele, o *trabalhador*, não somente reitera a “vontade *elementar*” tácita ao processo de mobilização, mas coloca-se como parte de uma vida mais global e unitária, enquanto coparticipe da *construção orgânica*⁷, em direção da efetivação do seu *domínio*: o do estado de *trabalho*.

Reclamando-se no centro de uma paisagem tecnicizada, tal dinâmica de liberdade exige que nos empenhemos num ataque à concepção de indivíduo, conforme o ideário burguês. Na mesma proporção em que o *trabalhador* manifesta seus traços heroicos, não demora para colocar em cheque a velha ordem e, com isto, transformar-se num *Tipo* que só “alcança a liberdade ao submeter-se ao mais alto poder que está em ação através dele” (ARAUJO, 2015, p. 127). Favorável à adequação e uniformização do singular aos padrões da totalidade em mobilização, Junger entende que “en este espacio, que se ha vuelto muy preciso, [...] la vivencia única e individual es sustituida por la vivencia unívoca y típica” (JUNGER, 1990, p. 139).

Disciplinando a consciência aos padrões da máquina, o mundo aparece, então, transformado numa gigantesca oficina beligerante. É como se ele fosse “determinado pelo sumiço total do indivíduo (burguês), através da penetração da técnica em todos os níveis, do domínio do *Tipo* ou da *Gestalt* do trabalhador e, finalmente, por uma união das forças orgânicas e mecânicas” (KEISEL apud ARAUJO, 2015, p. 127). Submerso neste mundo de *trabalho*, o humano é cada vez mais diluído num *Tipo*; e isto significa que sua identidade retrocede perante a *construção orgânica*, que vai ganhando em precisão e visibilidade ao passo que a mudança ganha em inequivocidade. Se outrora, para verificar-se enquanto tal, o indivíduo invocava os valores em relação aos quais se diferenciava, com o *Tipo*, ele “se muestra afanoso de rastrear marcas situadas lucra de la existencia singular” (JUNGER, 1990, p. 137). A coisa funciona como se Junger fosse favorável a um tipo de *desindividualização* não igualitarista⁸, que encontra na *Gestalt do trabalhador* um *Tipo humano* capaz de aglutinar o elemento único, a similaridade e a universalidade, outra requisitados pelas noções burguesas de individualidade e comunidade. E é em razão disto que a humanidade perde em variedade, mas ganha em intensidade, determinação e disciplina. Tal qual uma máscara, o *Tipo* “ou é expressão de si mesmo e de seu domínio, ou é apenas resíduo” (COELHO, 2020, p. 106).

Ainda em 1932, Junger menciona: diante do cenário de aniquilamento e barbárie causados pela guerra, é preciso ver que “en un espacio del que ha quedado barrido hasta los últimos confines todo dominio real y efectivo, la voluntad de poder se halla atomizada” (JUNGER, 1990, p. 79). Rígido desde a face, é através do *Tipo* que “la subjetividad de la humanidad alcanza su acabamiento en lo incondicional y su extension a lo planetário” (HEIDEGGER, 2013, p. 65). A *Gestalt* do trabalhador, neste sentido, é como a máscara utilizada pelo *soldado anônimo* quando, ao renascer dos restos da civilização, intervém ao ponto de criar uma outra história.

Ao mesmo tempo metálica e cosmética, a face do *trabalhador* condiz com o “rosto de um novo tipo de humanidade em que a pessoa singular (*Einzelne*) atinge a expressão somente enquanto tipo (*Typus*)” (ARAUJO, 2015, p. 123). Acerada e

cinzelada, ela se faz presente em locais onde predomina o caráter especializado do trabalho, possuindo um aspecto de máscara; condição localizável “no solamente em el rostro de la persona singular, sino también en el conjunto de su silueta” (JUNGER, 1990, p. 118). Seja na máscara de gás do soldado, no capacete de soldagem, no hóquei, nos produtos de beleza e até mesmo nas máscaras utilizadas nas pandemias, esta característica crava presença nos múltiplos âmbitos da sociedade, conferindo destaque à planificação dos corpos, sobre os quais a “disciplina ha vuelto muy uniformes” (JUNGER, 1990, p. 118). Localizável inclusive na substituição das sofisticadas vestimentas burguesas pelos uniformes/fardas típicos das fábricas, esta fachada quase cosmética evidencia o quanto a vida, no advento desta nova ordem, vai ganhando em precisão, regularidade e inequivocidade. O que sobressalta é “o rosto de uma raça que começa a se desenvolver sob a demanda da paisagem tecnológica e que possui seu representante na pessoa singular, enquanto um *Typus*” (ARAUJO, 2015, p. 129).

Tornando-nos suscetíveis às “mascaras” uniformes da matemática, tudo opera no sentido de dispor a completude humana nos termos de uma orgânica participação no trabalho, de modo a não nos causar estranheza “que en la vida empiece a desempeñar un papel creciente el número, o, más bien, la cifra precisa” (JUNGER, 1990, p. 136). Dissolvidos na homogeneidade, somos mobilizados a ver as “imágenes enteras del mundo como repeticiones rítmicas y regulares de un mismo y único proceso fundamental” (JUNGER, 1990, p. 137). Nesta medida, não causa surpresa ver o quanto ação do *Tipo* em meio ao mundo tecnicizado é avaliada em termos de recorde.

Como registro de um *modus operandi* da consciência que visa, por meio de instrumentos, catalogar seus monumentos para fazer deles um hábito tipificado, o recorde “es el simbolo de una voluntad de inventariar permanentemente la energia potencial” (JUNGER, 1990, p. 139). Exemplificável através dos voos cada vez mais audaciosos, de embarcações como o *Titanic*⁹ ou pelo número de mortes por eles causados, estamos nos referindo ao indicativo de “un deseo de poder alcanzar en todos los tiempos y en todos los puntos [...] informaciones continuas sobre los límites extremos de la capacidad de rendimiento” (JUNGER, 1990, p. 139). Desconhecido até então, este sintoma de nossa época liquefaz, igualmente, a relação de indeterminação que temos com a infinitude. Visto que em todo matemático subjaz um metafísico, irrompe “aquí una tendencia que intenta captar con cifras tanto lo infinitamente pequeño como lo infinitamente grande, tanto el átomo como el cosmos, ‘el cielo estrellado por encima de mí’” (JUNGER, 1990, p. 137). Colocando-nos diante de uma dissolução ativa do indivíduo, tudo neste mundo é calculado e mobilizado para que não só a ação das máquinas seja controlada, mas também a vida humana, que, no meio de tantas dores e perigos, por vezes é sacrificada, fazendo da morte e do luto fatores a serem estatisticamente aceitáveis em nome da imposição de uma realidade tecnológica.

Neste escopo, as considerações a respeito da pintura, da fotografia, do teatro, do cinema, etc. não são de menor importância quando se trata de clarificar o significado da *Gestalt* do *trabajador*, e como ela é relativa ao novo *Tipo*. Marcado por uma *segunda consciência* mais fria, cinzelada e matemática, o homem jungueriano, assim como o *trabajador*, está “situado fuera de la zona del dolor” (JUNGER, 1995, p. 70). Completamente mobilizado por aquilo que produz, ele se vê apontado “en la capacidad, cada vez mas nitidamente desarrollada, de vernos como un objeto”

(JUNGER, 1995, p. 70). Este é o caso do olhar desapaixonado do olho artificial (a lente) que começa a incidir sobre a humanidade, mas que se manifesta no pintor e no fotógrafo como explicitação do declínio do ideário burguês, da rendição do indivíduo pelo *Tipo*, assim como da “degradación de la fisonomía individual y social” (JUNGER, 1990, p. 124)

Ao passo que na pintura ocorre um intenso processo de decomposição das determinações esboçadas pelo contorno (o que beira o niilismo), na fotografia, o olhar matemático que a tudo disciplina deseja chegar a lugares nunca antes tencionados. Se a pintura perde em silhuetas, a fotografia transforma a noção de temporalidade quando, por exemplo, captura o voo de um pássaro ou retém o instante em que a explosão de uma granada estilhaça um corpo anônimo. Apesar do seu aspecto instrumental, a fotografia não se limita ao domínio sobre a máquina, pois nela dá-se o esforço de instrumentalizar o humano, tornando possível não só a objetivação da dor, mas uma mudança sobre o que se compreende por “bom rosto”. Apropriado ao modo de ver do *Tipo*, este “bom rosto” não possui singularidade pois, fechado em sua metálica rigidez, é “carente de alma, trabajado como en metal, o tallado en maderas especiales” (JUNGER, 1995, p. 78). Tal qual os soldados no campo de batalha, este é “uno de los rostros en que se expresa el tipo, o sea, la raza del trabajador” (JUNGER, 1995, p. 78).

Da mesma maneira que a pintura e a fotografia, no cinema e no teatro também fulgura a assunção do *trabajador* enquanto *Tipo*. Em verdade, ao passo que o ator das peças clássicas representava uma vivência única e idêntica a si mesma, nos filmes, ele performará uma vivência regradamente típica, dominada por uma grande inequivocidade mímica e gestual. Desconhecedor de performances únicas e autênticas, o cinema não se dirige às comunidades estéticas; e de seus atores é exigida não “la representación del individuo, sino la representación del tipo” (JUNGER, 1990, p. 130). Desprovido de *pathos*, é um espetáculo que integra-se ao desejo de objetivação/mecanização da vida, do perigo e da dor. Nele, as dores que somos capazes de suportar aumentam à medida que a dor é tomada como quimera. Portanto, na pintura, na fotografia, no teatro ou no cinema, Junger ressalta a volatilização das fronteiras entre o manual e o mecânico, entre a arte e a técnica; fato este que marcha às custas das velhas articulações, paralelo com a morte do indivíduo, concomitantemente à supressão da massa como ambiente político. Dá-se assim um outro *Tipo* humano que, pelo enrijecimento de sua fisionomia, se articula segundo os imperativos de uma nova *Gestalt*: o *domínio do trabajador*.

Evidente já nas profundas alterações que ocorriam na paisagem da época, foi através da técnica que este “novo humano” fez desaparecer o ideário burguês e, pela supressão da individualidade, mobilizou o mundo, de modo a configurar, em aparência e totalidade, o seu *domínio*. Para Junger, isso significa que nossa relação com a técnica não é meramente antropológica-instrumental. Detentora de um assento privilegiado neste processo de dominação do mundo pela *Gestalt do trabajador*, ela é “el medio más eficaz de la revolución total, su medio más indiscutible” (JUNGER, 1990, p. 159). Diferentemente da concepção moderna segundo a qual a técnica é tão somente um meio à emancipação do humano perante o natural, por mais movimentada e destrutiva que possa parecer, sua faceta explosiva consiste apenas num estágio do processo de condução à “órdenes enteramente determinados, unívocos y necesarios; y esos órdenes se hallan de antemano incluidos en germen en ella como su tarea y su objetivo” (JUNGER, 1990,

p. 159).

Não obstante, é preciso dizer que a dimensão técnica da *mobilização total* não é ilimitada; em vias de maturar-se, ela finaliza seu progresso quando encerram as exigências às quais é submetida. Aliás, nada há que consiga “sacar del ser más de lo que en él está contenido. Es el ser el que determina, antes bien, la indole de la evolución. Esto rige también para la técnica, que el progreso vio en la perspectiva de una evolución ilimitada” (JUNGER, 1990, pp. 160-161). Avançando da destrutividade quase anárquica à ordenação real e visível de uma paisagem planificada, é neste sentido que Junger alega não haver possibilidades de mantermos com o mundo tecnicizado uma relação imediata, mas apenas *mediata*: “la técnica posee su andadura propia y el ser humano no es capaz de ponerle caprichosamente término cuando a él le parece que el estado de los medios le resulta suficiente” (JUNGER, 1990, p. 169). Ademais, havendo limites para a *mobilização* do mundo, entende-se que a técnica circunscreve a *Gestalt* do *trabalhador*, pela qual despontamos necessariamente enquanto *Tipo*, em meio ao cenário de planificação configurado pelo *domínio* do *trabalhador*.

Em vias de acelerar sua dominação, ao *trabalhador* jungueriano é relegada a tarefa de obter inequivocidade, rumo ao estado de perfeição. Fluido, inquieto e efêmero, neste estado sobre o qual o *trabalhador* exerce o seu *domínio* “no se crea ninguna cosa con vistas a la duración, con vistas a esa duración que admiramos” (JUNGER, 1990, p. 161). Na contramão do estado de comodidades promovidos pela burguesia, todos os meios que aí são mobilizados possuem, antes de mais nada, “un carácter provisional, un carácter de taller, y están destinados a ser empleados durante un tiempo limitado” (JUNGER, 1990, p. 161). Cada vez mais perigosa, fria, brilhante, industrial e implacável, esta é uma paisagem onde os questionamentos de rede técnica assumem um tom decisivo e disciplinar, pois não há aqui um só átomo de matéria alheio ao trabalho.

As transformações do homem e da paisagem não são o efeito da transformação dos meios técnicos, mas o acabamento da *cunhagem* do espaço e do homem pela *Gestalt* do *trabalhador* mediante o império da técnica. Na paisagem de oficinas em que nos encontramos advém a planificação no quadro de uma mobilização total que está orientada para o domínio, enquanto a configuração se refere já a este domínio e é por ele possibilitado (ARAUJO, 2015, pp. 123-124)

Neste estado de mudanças, aquele que não conseguir vislumbrar algo além da pura técnica por detrás dos seus processos sofre por não deter uma relação apropriada para com ela. Conservando os supostos da seguridade burguesa, este sujeito, segundo Junger, está maculado pela impossibilidade de aprender, por exemplo, que a devastação promovida durante a primeira guerra se trata somente um estágio incompleto da técnica. Diante deste cenário de esvaziamento dos valores, é o *trabalhador* que, unindo-se organicamente à mutabilidade dos meios, assumir-se-á como “*fruto e agente* configurador da totalidade do trabalho” (COELHO, 2020, p. 108). Modesto e disciplinado, é exigido deste “ser especial” que promova o seu *domínio total* como via de superação/permuta dos estados anárquicos por uma outra ordem, na qual ele é a atestação ontológica de um novo *Tipo* humano. Contra toda forma passiva de enfrentamento ao nihilismo, cabe ao *trabalhador* cumprir uma mastodôntica batalha contra o ideário iluminista para, das cinzas destas valorações,

fazer emergir a criação de um novo mundo, de uma nova vida, uma nova arte, uma nova ciência, um novo estado, uma nova forma de exercer o poder, por mais doloroso e perigoso que isto possa ser.

Conclusão: o *Trabalhador* como *Tipo* de uma nova ordenação planetária

No que diz respeito a análise sobre a primeira guerra mundial, vimos que Junger exalta a planificação do mundo por meio da emergente ordem técnica. Para ele, é como se a humanidade ocidental estivesse a um passo de desvencilhar-se de um estágio no qual encontra-se enfraquecida pelo fato de ainda estar vinculada aos antigos valores da burguesia moderna. Nesta via de aniquilamento e superação, fala-se do *domínio total* de um novo *Tipo* humano, atestado pela *Gestalt* do *trabalhador*, que entra em sintonia com a mobilização total da técnica. Como que “portador de la sustancia heroica fundamental que determina una vida nueva” (JUNGER, 1990, p. 50), o *trabalhador* surge como uma forma de poder histórica, titânica e disciplinada, de ordem planetária mas emergente, sobre o qual repousa o destino da terra, e pelo qual é possível galgar “un mundo más rico, profundo y fructífero” (JUNGER, 1990, p. 36).

Vivificando uma afirmação ativa do niilismo, o *trabalhador* está, enquanto *Tipo*, “presente tanto nas indústrias como nos campos de batalha, sendo impessoal e implicando a capacidade de se colocar em sacrifício diante da totalidade da técnica” (COELHO, 2019, p. 130). Em nome de uma forma *sui generis* de liberdade¹⁰, Junger diz que a individualidade burguesa está condenada à dissolução, enquanto que ao *trabalho* e ao *trabalhador* são conferidas características culturais, políticas e intelectuais. Voltado à configuração de um novo mundo, o *estado do trabalho* manifesta-se, então, como mote de uma nova Ordem na era da mobilização técnica planetária. Imersa numa heroica batalha contra o niilismo passivo, à esta peculiar forma de estado corresponde a dissolução das representações burguesas e sua correlativa noção de indivíduo.

É como partícula de um processo de massificação que o indivíduo burguês, isento de especificidades, pode ser uniformemente empregado, integrando-se no *trabalho* como serviçal ativo da técnica. Numa relação de disciplinar proximidade com o *elementar*, o *trabalhador* detém, tal qual o soldado, uma livre disposição ao combate e ao perigo; o que, para a burguesia, ressoa imoral e sem-sentido. Diante deste estado de coisas, considerada a faceta totalizante do *trabalho*, Junger promove uma crítica à seguridade burguesa, balizada pelo desejo de “desenmascarar toda ofensiva contra el culto a la razón como una ofensiva contra la razón” (JUNGER, 1990, p. 53). Com efeito, o poder suscetível pelo *trabalhador* é, segundo Junger, “mucho más importante que la lucha por un poder abstracto cuya posesión o no-posesión es tan inesencial como la posesión o no-posesión de una libertad abstracta” (JUNGER, 1990, p. 74). Fazendo prevalecer um certo “rosto metálico” cuja vivificação dá-se no novo *Tipo*, isso significa que a luta contra a abstrata racionalidade burguesa implica, em prol do mundo planejado do trabalho, a extinção de sua individualidade.

Neste processo, Junger infere que “quien siga creyendo que con los órdenes de viejo estilo es posible domeñar ese proceso pertenece a la raza de los vencidos, una raza que está condenada a la aniquilación” (JUNGER, 1990, p. 61). O *trabalhador* surge, então, como um rosto cinzelado, representado “en la persona singular, pero

no en cuanto ésta es un personaje o um individuo, sino en cuanto es un tipo” (JUNGER, 1990, p. 110). Trata-se de uma manifestação mais ampla do estado, correspondente a “un tipo humano que está comenzando a quedar acuñado por unas características de raza y que puede ser puesto a servir de un modo más unívoco” (JUNGER, 1990, p. 221). Não necessariamente organicistas¹¹, é como se o *trabalhador* fosse, para Junger, uma raça “que, enquanto *Gestalt* (figura) da vontade de poder, por sua vez corresponde a um novo princípio de totalidade” (COELHO, 2019, p. 132).

Não confundível com a utópica conquista do estado pelo proletariado, seu poder não é localizável, pois está “inseparablemente asociado a una unidad vital estable y determinada, a un ser indubitable” (JUNGER, 1990, p. 74). Dentro do mundo do trabalho, tal poder não é senão “una representación de la figura del trabajador” (JUNGER, 1990, p. 75). E se se trata de um tipo de vontade capaz intervir na história, então põe-se a serviço *Gestalt* do *trabalhador*, aceitando inclusive a própria morte.

Num contexto em que a “nivelación de todas las fronteras se presenta como un acto de movilización total” (JUNGER, 1990, p. 73), é essa legitimação do poder na figura do *trabalhador* que faz emergir este ser “ya no como un poder elemental, sino como un poder histórico” (JUNGER, 1990, p. 72). Portanto, se o poder por si só já não basta, é preciso que o *trabalhador* reivindique um “espaço de direito”: uma nova ordem, um *domínio* só seu. Neste ponto, talvez precisemos reconhecer que, em nome desta nova ordem, as análises de Junger não raro são associadas ao “horizonte do pensamento nacional-socialista sobre o Estado” (COELHO, 2020, p. 109). Embora nunca fosse diretamente filiado e, nos escritos tardios, reivindicasse inclusive seu afastamento do ideário nazista, o autor mantém certa ambiguidade¹² quando entende que “el poder es un signo de existencia y, por tanto, no hay tampoco medies de poder en sí: los médios reciben su significado del poder que se sirve de ellos” (JUNGER, 1990, p. 73).

Sendo ou não matizado por tal associação, o fato é que o *trabalhador* jungueriano assume “el papel de supremo maestro de obras que está empezando a corresponder cada vez más claramente al Estado” (JUNGER, 1990, p. 205). Suas necessidades exigem “soluciones de naturaleza total; de ellas es capaz únicamente el Estado, [...] un Estado de una índole muy especial” (JUNGER, 1990, p. 205). Enquanto *Gestalt*, tudo opera como se o *trabalhador* – um novo *Tipo humano* – presentificasse uma forma *sui generis* de Estado, pelo qual dá-se não apenas o aniquilamento do ideário burguês, mas a fusão do orgânico ao mecânico como via de superação do niilismo passivo. Num assíduo trabalho de depuração da linguagem, Junger faz com que o *trabalhador* forje um mundo segundo a linguagem elementar que nele se expressa.

Ora, ao passo que burguês se reconhece na disposição em negociar e reafirmar, em favor do lucro, um sistema contratual de paz, o *trabalhador* é mobilizado no sentido de estar, entre a vida e a morte, “dispuesto a combatir a cualquier precio” (JUNGER, 1990, p. 44). Se à velha ordem predomina o desejo de prolongar a duração da vida, é no *trabalhador* que reside a mais profunda justificação do “combate por el Estado, una justificación que ahora ha de invocar no una interpretación nueva del contrato, sino una misión encomendada de manera directa, un destino” (JUNGER, 1990, p. 10). Padecendo dos mesmos *perigos* que o soldado nas trincheiras, o *trabalhador* é aquele que, desde o anonimato das massas,

vê-se capaz não apenas deglutir o mundo em seu *domínio*, mas de afastar-se da “esfera de las negociaciones, de la compasión, de la literatura” (JUNGER, 1990, p. 33). Erguendo-se à ação, ele “transforma sus vínculos jurídicos en vínculos militares” (JUNGER, 1990, p. 33).

À guisa de conclusão, isso sugere, por um lado, que o estado planificado do trabalho é representante de uma linguagem tão primitiva, que, concomitantemente, subjaz nele o aniquilamento total de seja lá quem não se dispuser a sacrificar a vida em nome da *mobilização total*. Ainda que não demore para interrogar tal dicotomia¹³, Junger, nos anos de 1930, não apresentou “ao homem senão duas possibilidades – o ‘realismo heroico’ do trabalhador ou o aniquilamento romântico do indivíduo burguês” (SÁ, 2003, p. 1141). Com isto, reclama uma objetificação da vida, supondo que ela seja “capaz de distanciarse de si misma, [...] de sacrificarse” (JUNGER, 1995, p. 58).

Para Junger, sendo a guerra dos 1914-18 um fenômeno histórico “muito mais importante que o da Revolução Francesa” (JUNGER, 2002, p. 1950), não há de se estranhar que, disposto ao sacrifício, o *trabalhador* exerça um tipo de liberdade cujas reivindicações são mais significativas e temíveis que as da burguesia. Tal qual o *soldado anônimo*, sua liberdade se expressa na busca de uma auto-consciência capaz de “afirmar as exigências de seu *coração aventuroso*” (ARAUJO, 2015, p. 112). Fluido, inquieto, efêmero e em vias de impor o seu *domínio*, o *Trabalhador* detém a tarefa de viabilizar um longínquo estado de perfeição onde “no se crea ninguna cosa con vistas a la duración” (JUNGER, 1990, p. 161). Mobilizando por completo todas as forças e meios da cadeia produtiva, esta é a paisagem onde não há um só átomo alheio ao trabalho. Na contramão do estado de comodidades propagandeado pela burguesia, é neste cenário de esvaziamento dos valores que o *trabalhador* que surge como “*fruto e agente* configurador da totalidade do trabalho” (COELHO, 2020, p. 108). Segundo Junger, esse “ser especial” promove um *domínio* de outra ordem, na qual é a atestação ontológica de um novo *Tipo* humano. Das cinzas das valorações iluministas, ao *Trabalhador* é, portanto, dada a tarefa de criar um novo mundo, uma nova vida, um novo estado, uma nova ordem planetária, por mais dolorosa e perigosa que seja.

Bibliografia

ARAUJO, T. A metafísica da *Gestalt* do trabalhador em *Der Arbeiter*, de Ernst Junger. In: *Contemporânea: Revista de Ética e Filosofia Política*, v. 1, n. 1, pp. 01-21, jul. 2015

BLOK, V. *Ernst Jünger's philosophy of technology: Heidegger and the poetics of the anthropocene*. New York: Routledge, 2017.

COELHO, V. O. P. *A técnica como totalidade: a mitologia política de Ernst Jünger no entreguerras*. Porto Alegre: Editora Fi, 2020

_____. Ernst Junger e o demônio da técnica: modernidade e reacionarismo. In: *Revista Topoi*. v. 18, n. 35, pp. 246-273, mai. 2017

_____. Ernst Junger: figuras do conservadorismo. In: *Pandaemonium*, v. 22, n. 37, pp. 129-157, mai. 2019

COCCO, R. As incidências das reflexões de Jünger no conceito de técnica de Heidegger. In: *Sapere Aude*, v.10, n. 20, pp. 613-633, jul. 2019

HEIDEGGER, M. *Acerca de Ernst Junger*. Buenos Aires: El Hilo de Ariadna, 2013.

HERF, J. *El modernismo reaccionario: tecnología, cultura y política em Weimar y el Tercer Reich*. México: Fondo de Cultura Económica, 1990

JUNGER, E. A mobilização total. In: *Natureza Humana*, v. 4, n. 1, p. 189-216, jun. 2002

_____. *An der Zeitmauer*. Stuttgart: Ernest Klett, 1981

_____. *El trabajador: dominio y figura*. Barcelona: Tusquets editores, 1990

_____. Sobre la línea. In: JUNGER, E; HEIDEGGER, M. *Acerca del nihilismo*. Barcelona: Ediciones Paidós, 1994.

_____. Sobre el dolor. In: JUNGER, E. *Sobre el dolor: seguido de La movilización total y Fuego y mivimiento*. Barcelona: Tusquets editores, 1995. pp. 09-85

LACQUE-LABARTHE, P.; NANCY, J-L. *O mito nazista, seguido de O espírito do nacional-socialismo e o seu destino*. São Paulo: Iluminuras, 2002

SÁ, A. F. A política sobre a linha: Martin Heidegger, Ernst Jünger e a confrontação sobre a era do niilismo. In: *Revista portuguesa de filosofia*, v. 59, pp. 1121-1152, out. 2003.

SILVA, R. M. A. B. O Niilismo Ativo de Ernst Junger. In: *Kinesis*, v. 12, n. 13, pp. 357-382, jul. 2020

VANNUCHI, A.; VOLPI, F. *O Niilismo*. São Paulo: Edições Loyola, 1999

¹ Meste em Filosofia. Doutorando do PPGFil UFSC. Email: diegowarmling@hotmail.com, Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4400-8170>, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3640290996876588>

² Cabe nota sobre o conceito nietzschiano de “*vontade de poder*”. Em Nietzsche, esta noção trata-se de uma reposta ao niilismo europeu, marcado pelo esvaziamento dos valores tradicionais, que orientavam até então o agir humano. Vivendo inerte numa sociedade de paz, é como se tivéssemos esquecidos a essência da vida, a *vontade de poder*, passando por alto a preeminência de forças elementares e espontâneas. Seguindo esta orientação, Junger assume “a ruptura que Nietzsche levou a cabo no que toca à noção moderna de progresso e do império da razão sobre a natureza” (ARAÚJO, 2015, p. 126)

³ Para Junger, nos soldados das trincheiras, residia uma forte relação com o *elementar*. Nestes guerreiros anônimos, estava vivo um forte apreço pelo perigo, assim como o desejo corajoso de sair vitorioso de um combate. De modo paralelo, esta é a atitude que Junger espera encontrar no *trabalhador*; neste novo *Tipo* humano, nascido como desdobramento da primeira guerra.

⁴ Para Junger, a perda de limites entre as classes acarreta a dissolução do conceito de casta guerreira: “a defesa armada do país não é mais a obrigação e a prerrogativa do soldado de profissão somente, mas torna-se tarefa daqueles que, em geral, são aptos ao serviço militar” (JUNGER, 2002, p. 195)

⁵ No forte engajamento de reservistas e jovens voluntários, por exemplo.

⁶ Segundo Junger, “ésa es una antítesis propia de espíritus poco limpios, una antítesis propia de espíritus cuya capacidad imaginativa no está a la altura ni de la Idea ni de la Materia” (JUNGER, 1990, p. 35)

⁷ Na fase construtiva da *Gestalt* do *trabalhador* dá-se a junção entre o orgânico e o mecânico. Fazendo com que ganhemos em precisão e inequivocidade, é “assim que Jünger frisa o homem como *construção orgânica* cujos nervos eram fios elétricos, e cujos músculos eram pistões” (ARAUJO, 2015, p. 127)

⁸ Irredutível ao “indivíduo” e à “massa”, a *desindividualização* operada por Junger encontra sua essência no *Tipo*. Para ele, o *Tipo* “unifica em si de uma maneira modificada o elemento único, que foi anteriormente requisitado pelo indivíduo, e a similaridade e a universalidade, que são exigidas pela comunidade” (COELHO, 2020, p. 101). Seja como for, é preciso dizer que isso “não tolera nenhum igualitarismo desertificante, mas carece de uma hierarquia peculiar” (COELHO, 2020, p. 101)

⁹ Para Junger, apesar de todo o positivismo científico do séc. XX, o naufrágio do *Titanic* é, para a história do progresso, o exemplo do ponto de viragem de um plano. Ele coloca em “destaque, entre outras coisas, os perigos do *record*” (Cf. JUNGER, 1981)

¹⁰ Neste ponto, vale observar que, no ensaio *Sobre a Linha (1956)*, Junger retifica sua posição acerca da liberdade humana, afirmando que a mesma é irredutível à participação no trabalho. Sendo uma via de resistência ao niilismo passivo, o autor afirma que “la libertad no habita en el vacío, más bien mora en lo no ordenado y no separado, en aquellos ámbitos que ciertamente se cuentan entre los organizables, pero no para la organización” (JUNGER, 1994, p. 62). Neste contexto, é importante lembrar que tais reflexões foram publicadas após o fim da segunda guerra mundial, quando Junger já não mais conseguia permanecer convicto em relação ao otimismo de outrora.

¹¹ Sobre isto vale notar que, enquanto o movimento neorromântico enfatizava a conexão do povo com a terra, donde “emergia como central o conceito orgânico de raça (e com isso, também, o antissemitismo em que a figura do judeu se coloca como o negativo ideal), com Jünger há o deslocamento da raça para o trabalhador” (COELHO, 2020, p. 93)

¹² A associação de Junger ao nacional-socialismo é um tema passível de interpretações controversas. Lacoue-Labarthe e Nancy, por exemplo, argumentam da seguinte maneira: ao passo que o mito nazista tem por natureza a vivificação numa figura ou *Tipo*, este tem por objetivo a realização factual “da identidade singular que o sonho porta. Ele é ao mesmo tempo o modelo da identidade e a sua realidade apresentada, efetiva, formada” (LACOUÉ-LABARTHE; NANCY, 2002, p. 51). Desde o interior da mitologia nazista, tais comentários a respeito da *Gestalt* do *trabalhador*, problematizam a obra de Ernst Junger em seus aspectos mais obscuros. Em sentido análogo, Coelho argumenta que Junger “nunca deixou de ser um aristocrata em sua visão de mundo” (COELHO, 2019, p. 155), e que é pela reivindicação de um espaço de direito ao *Trabalhador* que se colocou no “mesmo horizonte do pensamento nacional-socialista sobre o Estado” (COELHO, 2020, p. 109). Dada a amplitude do tema, infelizmente não aprofundaremos esta análise. Contudo, é sabendo de sua relevância que indicamos aos interessados a leitura dos autores supracitados, na medida em que estes visam tensionar as problemáticas trazidas Junger por meio da *Gestalt* do *Trabalhador*.

¹³ Segundo Alexandre Franco de Sá, não há como negar que as barbáries da segunda guerra fizeram com Junger colocasse em cheque dicotomia entre o realismo heroico do trabalhador e o aniquilamento da individualidade burguesa. Desde o mito nazista, o autor se pôs a questionar se o tal *Estado de trabalho* não coincidiria “com os Estados totalitários derrotados na Segunda Guerra Mundial ou se, pelo contrário, estes mesmos Estados não seriam senão formas possíveis de configurar fenomenicamente uma essência que não se esgotava nelas” (SÁ, 2003, p. 1142). Para Junger, dever-se-ia perguntar se o fim do militarismo totalitário não acarretaria o “aparecimento de uma figura distinta ou apenas a uma configuração distinta da mesma figura, a qual, no entanto, poderia abrir novas perspectivas para a sua ultrapassagem” (SÁ, 2003, p. 1142)

Recebido em: 12/2021
Aprovado em: 07/2022